

A Igreja Templo Vivo de Deus. A Liturgia do Comum da Dedicção

(I)

Se há campo em que deva ser fecunda e operante a simbiose entre Teologia e Liturgia esse é, certamente, aquele em que se procura viver e compreender o mistério da Igreja: de facto a Liturgia é «Igreja em oração» e a Igreja, por sua vez, é radicalmente de natureza «litúrgica», é «sacramento»-mistério de salvação. Impõe-se, portanto, a necessidade de uma «eclesiologia litúrgica», mas esta não se pode reduzir a uma construção autónoma do pensamento sufragada extrinsecamente com «dicta probantia» fornecidos pela Liturgia. Mais fecundo será, em meu parecer, partir da realidade celebrada ou, pelo menos, dos «programas rituais» consubstanciados nos livros litúrgicos e procurar indutivamente qual a teologia a eles subjacente e neles reproposta como oração.

Nesta perspectiva se situa o presente estudo sobre o actual «Commune Dedicacionis ecclesiae»¹. De facto, tanto a liturgia da Dedicção² como, logicamente, a do seu aniversário, constituem um lugar «nevrálgico» para verificar a «recepção», pela recente reforma, do Magistério litúrgico e eclesiológico do último Concílio ecuménico. Ao mesmo tempo estas celebrações podem e devem transformar-se num precioso instrumento para promover e enraizar a sua «recepção» progressiva e gradual por parte do Povo de Deus.

A liturgia de Dedicção é, por definição, um facto extraordinário e, normalmente, irrepetível. O actual ordenamento canónico prescreve que pelo menos as igrejas catedrais e paroquiais sejam dedicadas, e não simplesmente benzidas, antes da sua abertura ao

¹ Cf. *Missale Romanum ex decreto Sacrossancti oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum*, Editio typica altera, Città del Vaticano 1975, 665-669 [=MR 1975].

² Cf. *Pontificale Romanum ex decreto Sacrossancti oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum. Ordo dedicationis ecclesiae et altaris*, ed. typica, Città del Vaticano 1977 [=ODEA].

culto³. Mas, ainda que, graças à revisão do *ODEA*, esta celebração não seja já o «terror» dos bispos (que normalmente a evitavam) e, pelo contrário, dê ensejo a um acontecimento celebrativo eloquente, rico em sinais e facilmente participável, continua contudo a ser algo de raro — ainda não se publicou este Rito em Português! —, podendo suceder-se gerações sucessivas numa comunidade local sem que se proporcione a ocasião de uma tão marcante e global experiência celebrativa. Compete, pois, à celebração do aniversário da Dedicção repropor permanentemente e manter vivo o rico conteúdo desta liturgia, ritmando e enriquecendo a vida da Igreja local. E, de facto, ainda que não sejam dos mais frequentados do actual Missal, os formulários deste Comum são (ou deveriam ser) utilizados pelo menos três vezes por ano:

- no dia 9 de Novembro, «*in Dedicacione basilicae Lateranensis*»⁴, festa que prevalece, inclusive, sobre o Domingo⁵;
- no aniversário da Dedicção da igreja catedral própria⁶;
- no aniversário da dedicação da igreja própria⁷.

Uma superficial comparação do novo Missal com o anterior revela significativas alterações neste capítulo:

— Enquanto que, até à reforma de Paulo VI, o «*Commune dedicationis ecclesiae*» ocupava, juntamente com o das festas de N.ª Senhora, a última posição no sector dos Comuns, na nova ordenação passou para o primeiríssimo lugar. A razão é de carácter teológico, uma vez que este comum foi considerado como de «festa do Senhor»⁸: a comemoração anual da dedicação da igreja-edifício, celebrando o mistério da Igreja viva, povo de Deus em peregrinação para a nova Jerusalém⁹ é uma «festa cristológica»; o mistério da Igreja viva é assimilado ao mistério de Cristo numa perspectiva teológica que se harmoniza positivamente com o I capítulo da Const. dogm. *Lumen Gentium* do II Concílio do Vaticano.

³ Cf. *CIC* 1983, can. 1217, determinando nova redacção da *IGNR* n. 255.

⁴ Cf. *MR* 1975, 639.

⁵ Cf. *Tabula dierum liturgicorum* II 5, in *MR* 1975, 111.

⁶ Cf. *Normae universales de Calendario* 52 a), in *MR* 1975, 108; *ODEA* II 27, p. 30.

⁷ Cf. *Normae universales de Calendario* 52 c), in *MR* 1975, 108; *ODEA* II 27, p. 30.

⁸ Cf., v. g., *Documentorum explanatio. Ad Calendarium*, in *Notitiae* 11 (1975) 61; C. BRAGA, *Il Nuovo Messale Romano*, in *Ephemerides Liturgicae* [= *EphLit*] 84 (1970) 261; B. NEUNHEUSER, *I comuni del nuovo Messale Romano*, in *Rivista Liturgica* [= *RL*] 58 (1971) 521.

⁹ Cf. *Documentorum explanatio. De celebratione annuali dedicationis ecclesiae*, in *Notitiae* 8 (1972) 103.

— Outras particulares novidades da reforma se registam na renovação e aumento das fórmulas eucológicas e na «ditior [ditissima!] mensa verbi Dei»¹⁰ que, em conformidade com os princípios de reforma estabelecidos na Constituição litúrgica¹¹, é proposta aos fiéis: 16 leituras bíblicas em vez das duas únicas anteriores que, aliás, foram conservadas¹². Todo este espaço dado à Sagrada Escritura não pode deixar de ter relevantes consequências na teologia e na pastoral veiculada e mediada por este Comum.

Não podendo, no âmbito restrito deste trabalho, estudar toda a Liturgia da Dedicção, limitar-me-ei ao estudo do seu Comum tal como vem reestruturado na *editio typica altera* do Missal de Paulo VI. Precisamente neste ponto particular esta edição introduziu uma significativa alteração, passando os formulários «*In die dedicationis*» para a secção, bem mais apropriada, das Missas rituais¹³. Estes formulários não entram, portanto, na minha análise, tanto mais que são inseparáveis do complexo ritual que enquadram e em cujo contexto são de estudar. Aliás, também os dois formulários «*In anniversario dedicationis*» que estudarei — «*In ipsa ecclesia dedicata*»¹⁴ e «*Extra ipsam ecclesiam dedicatam*»¹⁵ — se devem entender à luz da temática e da teologia do *ODEA* que veiculam, prolongam e repropõem. Gozam, contudo, de uma maior autonomia, o que autoriza o seu estudo independente.

Neste primeiro artigo procurarei esboçar a análise das perícopes bíblicas propostas pelo *Leccionário*. Mais do que proceder a uma exegese crítico-literária de cada um dos textos, tratarei de pôr em realce a rica temática bíblica que eles encerram e, a partir dessa análise, destacar-se-ão algumas ilações teológicas. Seguidamente procederei a um breve exame das *Antifonas* que no mesmo Comum se propõem para o canto.

Num segundo artigo propor-se-á o estudo da eucologia: em primeiro lugar estabelecer-se-á a origem de cada uma das fórmulas

¹⁰ CONCILIIUM VATICANUM II, Const. de Sacra Liturgia *Sacrosanctum Concilium* 51.

¹¹ Cf. *Ibid.*; Ver também *ibid.* 35, 1).

¹² Cf. *Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum. Ordo Lectionum Missae*, ed. typica altera [= *OLM* 1981], Città del Vaticano 1981, 323-324.

¹³ Cf. *MR* 1975, 665 e 775-781.

¹⁴ Cf. *ibid.*, 665-667.

¹⁵ Cf. *ibid.*, 667-669.

para, finalmente, se passar ao estudo temático-teológico dos dois formulários tomados como um todo. Também aqui, por razões de tempo e de dimensão do trabalho, não me deterei na exegese «literal» detalhada de cada um dos textos, trabalho que, sem dúvida, permitiria mais fundadas e articuladas conclusões teológicas.

As principais conclusões litúrgico-teológicas apresento-as no final do estudo do Leccionário e da Eucologia, respectivamente, pelo que na conclusão final me limitarei a um breve balanço das conclusões estabelecidas, a um apontar, a modo de corolário, de algumas pistas de reflexão teológico-litúrgica, e a algumas indicações de carácter mais operativo-pastoral.

A LITURGIA DA PALAVRA NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DO ANIVERSÁRIO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA

O novo *OLM* na sua *editio typica altera* apresenta, a abrir a secção dos «communias», um rico elenco de trechos bíblicos a partir dos quais se deve estruturar a liturgia da Palavra da celebração eucarística «in anniversario dedicationis ecclesiae»¹⁶: aí se propõem 5 textos do AT como primeira leitura fora do tempo pascal, 3 perícopes neotestamentárias (dos *Actos* e do *Apocalipse*) como primeira leitura para o tempo pascal, 5 «Salmos responsoriais»¹⁷, 4 excertos das Epístolas do NT para segunda leitura, 5 versículos bíblicos para a Aclamação ao Evangelho e, finalmente, 4 trechos dos Evangelhos¹⁸.

Se é certo que a leitura e uso litúrgico deste considerável tesouro bíblico vivificam e caracterizam a sua exegese — hermenêutica litúrgica — contudo também é verdade que, em razão do primado e da soberania transcendente da Palavra de Deus — expressão histórica e literária da Sua iniciativa salvífica —, esta é matriz geradora do sentido e conteúdo actuado, vivido e celebrado no rito. Daí que,

para penetrar no conteúdo teológico-litúrgico desta celebração no aniversário da Dedicção de uma igreja, tal como o projecto ritual dos livros litúrgicos oficiais a configuram, seja necessário empreender primeiro o estudo teológico-bíblico da Palavra de Deus que nela se proclama. Nesse ensaio, que não poderá desintegrar o círculo hermenêutico que abraça e polariza *Palavra e Celebração*, haverá que proceder tanto a uma hermenêutica litúrgica da Palavra de Deus como a uma hermenêutica bíblica da Celebração litúrgica.

I. O momento exegético

Nesta perspectiva o recurso a uma exegese literal histórico-crítica, por importante que seja, aparece-me como simples operação preliminar. A execução desta tarefa encontra-se hoje grandemente facilitada graças à abundante produção científica e de alta divulgação que credenciados cultores das ciências bíblicas não cessam de ampliar e melhorar. Tal análise permitiria especificar o significado e o contributo teológico de cada texto singularmente considerado, proporcionando e/ou redimensionando a análise global de todo o conjunto. Alcançar-se-ia, assim, uma teologia bíblica da Dedicção com mais conteúdo, melhor fundamentação e mais profunda e compreensiva articulação.

Não podendo aqui deter-me nesse trabalho que, ainda que preliminar, se me afigura deveras necessário, procederei à análise global pressupondo-o como já feito. Esta leitura global, ainda que, em princípio, se devesse seguir às conclusões desse primeiro estudo, contudo aparece-me como metodologicamente possível e justificável independentemente dele, a partir da legitimidade de uma hermenêutica litúrgica que se apoia no simples mas significativo facto de todas estas perícopes se encontrarem associadas a integrar o mesmo Comum.

II. A análise temática

Nesta segunda fase proponho-me aprofundar a *temática bíblica* que emerge a uma simples leitura e que, certamente, a exegese preliminar evidenciaria. Tais temas desenvolvem-se progressivamente de forma aderente à economia histórica da Revelação-Salvação convergindo, como para o seu ponto focal, para o «acontecimento» central da história: o Mistério de Cristo no qual se atinge a plenitude dos tempos. Daí que se caracterizem, como veremos, por uma permanente

¹⁶ Cf. *OLM* 1981, 323-324; *Missale Romanum... auctoritate Pauli Pp. VI promulgatum. Lectionarium*, III, Città del Vaticano 1972, 244-257.

¹⁷ Um desses «salmos» responsoriais é, na verdade, um canto bíblico: 1 Cron 29, 10.11.12.

¹⁸ Duas das leituras — Ap 21, 2-5 e Lc 19, 1-10 (cf. *OLM* 1981, 702, 2 e 706, 2) — integravam já o Comum do Missal anterior à Reforma litúrgica. Com a excepção da 1.ª leitura da missa ritual que é, obrigatoriamente, Neem 8, 2-4a.5-6.8-10 (cf. *OLM* 1981, 816; *ODEA* II 54, p. 41), todas as perícopes do NT propostas neste Comum são igualmente sugeridas para a Missa ritual.

referência messiânica (cristocentrismo) e por um constante dinamismo escatológico.

A quase infinita riqueza temática das leituras bíblicas deste Comum parece-me organizável e articulável em dois grandes grupos estruturados à volta dos temas nucleares *Templo* e *Igreja*, o segundo dos quais é englobante também do primeiro.

A) *Templo*¹⁹

Este tema apresenta-se em perspectiva histórica:

— O Tabernáculo — tenda do deserto (Act. 7, 44 ss, com insistentes alusões ao AT);

— O Templo de David-Salomão (1 Re 8, 22-23.27-30; 2Cr 5, 6-10.13 — 6,2...);

— A crítica profética da alienante «ideologia templar» está explicitamente presente na própria oração de Salomão (1 Re 8, 27) e no v. de Is 66, 1 proposto para a Aclamação ao Evangelho. Esta crítica é particularmente assumida no discurso de Estêvão, pericope que a actual liturgia Romana usa exclusivamente para esta celebração; está também presente no gesto profético de Cristo (Jo 2, 13-22).

— A restauração post-exílica do Templo é anunciada por Ezequiel (Ez 37, 27, citado em Ap 21, 3; Ez 43, 1-2.4-7a; 47, 1-2.8-9.12). Trata-se, para o profeta, de uma restauração a que corresponde uma espiritualização-interiorização, de acordo com a Aliança nova da qual será expressão e que, baseada na transformação radical do coração, se caracterizará por um culto puro em coerente e inviolável fidelidade. O «Tripto-Isaias» (Is 56, 1.6-7) vê essa restauração em perspectiva não já particularista (nacionalista) mas «ecuménica», mostrando em Jerusalém e, concretamente, no seu centro (Sião, o Templo) a convergência de todos os povos.

A revelação bíblica veterotestamentária do Templo desenvolve-se, pois, numa linha ascensional caracterizada por uma progressiva interiorização e universalização. Estes dois sentidos da revelação, aparentemente opostos, abertos pela dinâmica escatológica da Promessa a sempre novos, mais plenos e nunca esgotados cumprimentos, encontram-se, finalmente, em Cristo, Templo feito «não por mão humana», no qual Deus cumpre a promessa feita a David de que lhe havia de edificar uma Casa (2 Sam 7, 1-16). O leccionário também documenta esta fase terminal da revelação bíblica do «mistério do Templo»:

— O Corpo de Cristo é o novo Templo (Jo 2, 13-22)²⁰;

— Os cristãos — a Igreja — são em Cristo o novo Templo, actuando na própria vida — como membros do Seu Corpo — o novo culto em espírito e verdade (1 Cor 3, 9c-11.16-17; Ef 2, 19-22; 1 Pd 2, 4-9; cf. Jo 4, 19-24);

— O Templo escatológico da Jerusalém celeste — a Esposa do Cordeiro — anuncia tanto a realização plena como a superação-cumprimento definitivo do sinal do Templo, na comunhão perfeita da eterna Aliança nas «Núpcias do Cordeiro».

Sem sair do leccionário proposto pela renovada Liturgia romana para o Comum da Dedicção vimos como a temática do *Templo* com a sua teologia é proposta, de modo bastante completo, em chave histórico-salvífica cristocêntrica e escatológica. Há contudo que integrar este tema com outras séries temáticas «subordinadas» que, presentes também no mesmo grupo de leituras, com o tema do *Templo* se conjugam, o caracterizam, concretizam e enriquecem. São três, em meu entender, essas séries:

1 — *Culto-Sacrifício-Sacerdócio-Altar*: Cf. 1 Re 8, 22.30; 2 Cr 5, 6-7.14; Sl 83(84), 4; Is 56, 7; Ez 47, 1; Hb 12, 24; 1 Pd 2, 5.9; Jo 2, 13-22; 4, 20-24. Também esta temática vem proposta segundo o desenvolvimento orgânico e progressivo da História da Salvação. Ainda que o leccionário não inclua outros textos representativos da *teologia bíblica do culto*, contudo a presença deste argumento na liturgia da Palavra de uma celebração comemorativa da dedicação

²⁰ A propósito desta pericope veja-se o profundo comentário bíblico-litúrgico de S. MARSILI, *La Liturgia momento storico della salvezza*, in *Anàmnese*, I, Casale Monferrato, Marietti, 1979², 114s e 117.

¹⁹ Cf. S. MARSILI, *Dal tempio locale al tempio spirituale*, in *Il Tempio. Atti della XVIII Settimana liturgica nazionale a Monreale 28 agosto-1 settembre 1967*, S. L., [1968], 51-63; ID., *Il tempio nella storia della salvezza*, in *ibid.*, 39-49; O. MICHEL, *Naós*, in *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VIII, Brescia, Paideia ed., 1971, 849-878; F. AMIOT, *Temple*, in X. LÉON-DUFOUR, dir., *Vocabulaire de Théologie biblique*, Paris 1974³, 1266-1273; D. SARTORE, *L'Eucaristia nella dedicazione di una chiesa e di un altare*, in *Il Messale Romano del Vaticano II*, II (=Quaderni di RL/N. S. 7), Leumann (Torino), Elle di Ci, 1981, 282-286.

de um lugar de culto, parece-me significativa. Abre-se e completa-se, deste modo, a teologia do «Templo».

2 — *Pedra-Fundamento-Construção*: Os textos de referência são sempre os mesmos — os do leccionário deste Comum —. Mas ainda que esteja presente nos textos do AT (1 Re 8, 27; 2 Cr 6, 2) e no seu horizonte é, contudo, nas perícopes neotestamentárias que esta perspectiva é mais desenvolvida, tornando-se quase dominante (Mt 16, 18; Jo 2, 19-21; 1 Cor 3, 9c-17; Ef 2, 20-22; 1 Pd 2, 4-5; Ap 21, 9b-14). Alicerçada em Cristo, Pedra angular, a nova edificação, o novo Templo já não é material e exterior, mas identifica-se com o crescimento do Corpo de Cristo nos seus membros, pelo Espírito: há uma equivalência terminológica e real entre 'edificação do (novo) Templo' e 'crescimento do Corpo de Cristo'. É graças a estas duas categorias — de *fundamento* e de *construção* — que a temática do Templo realizada e superada em Cristo (Templo=Corpo de Cristo) pôde ter uma extensão eclesiológica. A categoria de *fundamento* radica a Igreja-Templo em Cristo e nos Apóstolos, dando expressão bíblica a duas perspectivas dogmáticas fundamentais da eclesiologia: o cristocentrismo e a apostolicidade. Assim a Igreja se integra, sem solução de continuidade, na única e una História da Salvação, sob o signo da Incarnação. A categoria da *construção*, por seu lado, projecta a Igreja na universalidade dinâmica no tempo e no espaço, impondo duas acentuações igualmente decisivas na eclesiologia: a missionária e a escatológica. Na 'edificação' sobressai igualmente a actuação específica do Espírito Santo que vivifica a missão e estrutura a Igreja com carismas e ministérios.

3 — *Casa-Habitação-Habitar*: 1 Re 8, 27.29; 2 Cr 6, 1-2; 7, 16; Sl 45(46) 5-6; 83(84), 3.4.5.11; 121 (122), 1.9; Is 56, 7; Ez 43, 7; 37, 27; Lc 19, 5-6.9; Jo 2, 16-17; Act 7, 46-50; 1 Cor 3, 16; Ef 2, 22; Ap 21, 3. Esta temática, de grande densidade antropológica, é estritamente complementar da de Templo. Sujeito de «habitar» é tanto Deus (a Sua «glória», o Seu «Nome», a «Nuvem»...) como o Povo que suspira por morar na Casa do Senhor. O verbo «habitar» é usado com matizes que, quando aplicado a Deus, procuram salvaguardar a sua transcendência e superar a concepção demasiado física e local da habitação de Deus no templo. Daí o uso já acenado de semitismos como «glória» e «nome» que apontam para uma certa «sacramentalidade» da presença de Deus a Quem «a terra e o céu não podem con-

ter»: «O Altíssimo *não habita* um templo feito por mão de homem». A habitação de Deus é, sobretudo, objecto de promessa e, mais do que dizer-se que «*habita(rá)* em» de Deus se diz que «*habita(rá)* com» o Seu Povo (tal como deste se diz que «habitará com» Deus e «caminhará» na Sua presença. Ligado à Tenda do deserto, o «habitar» de Deus com o Seu Povo é, antes de mais, «caminhar com Ele»²¹. Esta temática, que permite precisar e corrigir a do Templo, está, pois, intimamente associada à da Aliança e evolui paralelamente à compreensão cada vez mais espiritual, interior e universalista (ou menos material, exterior e particularista...) da Aliança e do Templo. Esta tensão manifesta-se, por exemplo, na preferência dada ao termo «casa» sendo o Templo, mais do que a «morada» de Deus, a «casa de Oração» (1 Re 8, 28-29; Is 56, 7; Jo 2, 16-17) e o lugar de uma presença sobretudo de comunhão e Aliança (1 Re 8, 9; 2 Cr 5, 10). Só no NT, superada a materialidade e exteriorismo do Templo local no Corpo de Cristo, o «habitar com» de Deus e do Seu Povo se vem a identificar com o «habitar em» este novo Templo (1 Cor 3, 16-17; Ap 21, 1-5a...): os cristãos podem então ser chamados «domestici (de «domus») Dei» (Ef 2, 19), membros da Sua Família.

B) Igreja

Ainda que o termo «Ecclesia» só apareça em Mt 16, 18 para designar a «construção» que Cristo edificará sobre Pedro, e em 1 Re 8,22 designando a assembleia litúrgica de Israel (Qahal = Ekklesia = = Ecclesia) congregada para a «dedicação» do Templo de Salomão, contudo a temática eclesiológica desenvolve-se difusamente em todos os trechos deste Comum. Já referi acima o prolongamento e caracterização das temáticas do *Templo* e da *construção* aplicados à Igreja. Sendo sempre as mesmas as referências bíblicas, limitar-me-ei aqui a indicar sumariamente os sub-temas em que se decompõe a temática da Igreja que, mais uma vez, é proposta segundo as etapas sucessivas da progressiva revelação do seu Mistério e actuação na História da Salvação. Assim, a Igreja é apresentada como:

— *Povo de Deus*, preparado e sustentado pela *Aliança* (veja-se a importância da «Arca» no Templo, e qual o seu conteúdo; note-se a frequente referência ao «monte» com a implícita evocação do Sinai; verifique-se a citação que 1 Pd 2, 9 faz de Ex 19, 5-6): convo-

²¹ Cf. 1Re 8, 23.

cada de todos os povos que acedem assim à misericórdia salvífica de Deus, a Igreja é, verdadeiramente, Povo de Deus (cf. 1 Pd 2, 10), Povo Sacerdotal.

— *Família* de Deus.

— *Assembleia* cultural, com a rica temática da Qahal Yahweh.

— *Templo, Casa e Construção*, imagens que definem uma Eclesiologia cristocêntrica e litúrgica; exprimem também, como já se viu, a apostolicidade e universalidade-catolicidade da Igreja.

— *Esposa, Jerusalém e nova Criação*, imagens que acentuam a dimensão escatológica da Igreja.

III. Conteúdo doutrinal

Concluída esta breve análise, torna-se possível um passo ulterior: as perícopes bíblicas deste Comum encerram, mais ou menos implícita ou desenvolvidamente:

- A) Uma Eclesiologia;
- B) Uma teologia da Liturgia;
- C) Uma teologia da igreja-edifício.

Convém aqui ter presente o estreito vínculo ritual, lógico e «ideológico» que une a celebração do aniversário da Dedicção à própria Dedicção, acontecimento singular, extraordinário e, normalmente, irrepitível. Não é por acaso que, exceptuando as leituras propostas do AT, todos os outros trechos bíblicos são igualmente propostos para a Missa ritual e para o Comum da Dedicção. Deste modo toda a teologia do ODEA se concentra, é prolongada e reproposta e, com a repetição, progressivamente desenvolvida e assimilada através da celebração mais frequente do aniversário das Dedicções²².

²² Para a análise ritual e teológica do novo ODEA de 1977 cf. I. M. CALABUIG, *L'«Ordo dedicationis ecclesiae et altaris»*. *Appunti di una lettura*, in *Notitiae* 13 (1977) 391-450; P.-M. GY, *Eucharistie et «Ecclesia» dans le premier vocabulaire de la liturgie chrétienne*, in *La Maison-Dieu* n. 130 (1977) 19-34; S. MAZZARELLO, *Presentazione*, in *Liturgia* 11 (1977) 569-572; I. M. CALABUIG, *Un rito per una Chiesa che vive*, in *Rivista di Pastorale Liturgica* 16 (1978) n.3, 41-45; J. EVENOU, *Le nouveau rituel de la dédicace*, in *La Maison-Dieu* n. 134 (1978) 85-105; R. FALSINI, *Dalla Chiesa-comunità alla chiesa-luogo*, in *Rivista di Pastorale Liturgica* 16 (1978) n.3, 52-62; P. JOUNEL, *Art et liturgie*, in *La Maison-Dieu* n. 136 (1978) 93-106; ID., *L'assemblée chrétienne et les lieux du ras-*

A) *Uma Eclesiologia*

Os textos propostos pelo novo Leccionário para o Comum da Dedicção permitem elaborar bíblicamente toda uma ecclesiologia em chave misteriosa histórico-salvífica. Na grande riqueza temática que se apresentou, aparece mais uma vez actuada a opção do 2.º Concílio Ecuménico do Vaticano expressa na Constituição Dogmática sobre a Igreja:

«Sicut in Vetere Testamento revelatio Regni saepe sub figuris proponitur, ita nunc quoque variis imaginibus intima Ecclesiae natura nobis innotescit»²³.

Se bem que se privilegie a imagem de Templo na apresentação bíblica da Igreja, vimos que esta está longe de ser exclusiva e é integrada em toda uma vasta temática que a concretiza e especifica com o conteúdo original que na Revelação o tema «Templo» progressivamente assume.

Da identidade entre Igreja-Templo e Igreja-Povo de Deus, bem como da correspondência íntima de simbolismo entre Templo e Corpo de Cristo, resulta globalmente o privilegiar da componente sacramental-misteriosa da Igreja, de acordo com uma Eclesiologia de comunhão. E isto numa celebração em que, recordando-se e re-presentando-se o momento da inauguração de um novo edifício de culto — uma estrutura material — seria compreensível a tendência

semblement humain au cours du premier millenaire, in *ibid.*, 13-37; S. MAZZARELLO, *Il nuovo rito della dedicazione di una chiesa*, in *Liturgia* 12 (1978) 674-686; G. GIAVINI, *Per una teologia biblica del tempio*, in *RL* 66 (1979) 568-577; G. GRASSO, *Perché le chiese?*, in *RL* 66 (1979) 553-567; S. MAGGIANI, *La chiesa come luogo della comunità celebrante*, in *RL* 66 (1979) 616-629; L. MALDONADO, *El templo, una realidad humana, religiosa y cristiana*, in *Phase* 19 (1979) 223-236; S. MARSILI, *Dedicazioni senza consacrazione ossia: teologia liturgica in una storia rituale*, in *RL* 66 (1979) 578-601; M. PATERNOSTER, *Analisi rituale e contenuti teologici dell'«Ordo Dedicationis Ecclesiae et Altaris»*, in *RL* 66 (1979) 602-615; P. TENA, *Comentario al Ritual*, in *Phase* 19 (1979) 183-221; I. M. CALABUIG, *Il segno teologico della chiesa e dell'altare nel nuovo «ordo dedicationis ecclesiae»*, in *La comunità tempio del Signore (Studi sulla dedicazione della chiesa)* (=Quaderni di Vita Monastica 26), Camaldoli 1981, 36-92; E. BARGELINI, *Eclesiologia e tempio*, in *Comunità tempio*, 6-35; F. MANCINI, *Lo Spirito Santo costruttore del tempio della comunità cristiana*, in *Comunità tempio*, 119-146; S. MAZZARELLO, *Il nuovo rito della dedicazione di una chiesa*, in *Liturgia* 17 (1983) 59-72.

²³ CONCILIVM VATICANVM II, Const. dogm. de Ecclesia *Lumen Gentium* 6 1.

oposta de evidenciar a componente exterior, visível e institucional da Igreja.

Do conjunto resulta, pois, um notável equilíbrio na apresentação das linhas de força essenciais de uma eclesiologia bíblica harmónica. A perspectiva histórica, tendo em conta o progresso e o dinamismo próprio da Revelação, confere unidade a esta eclesiologia; a acentuação escatológica defende-a de absolutizações unilaterais.

B) *Uma Teologia da Liturgia*

Resulta esta, fundamentalmente, do prolongamento e aprofundamento da temática bíblica do Templo-Altar-Sacerdócio-Sacrifício-Culto espiritual.

Não me deterei aqui na explanação deste aspecto, sem dúvida interessante, remetendo para o que já o Abade Marsili vigorosamente escreveu²⁴.

C) *Uma Teologia do edifício-igreja*

Da análise destas perícopes bíblicas que a Igreja propõe para a celebração litúrgica da memória da Dedicção dos seus edifícios de culto, podem inferir-se linhas de força sobre qual seja a autocompreensão da Igreja acerca dos lugares das suas assembleias:

1. A igreja-edifício não pode ser o que já o Templo do AT se recusou a ser: «morada», em sentido próprio, de Deus²⁵. A superação veterotestamentária do «templo-pagão», concebido e construído como domicílio da divindade, impõe-se como definitiva em nome da transcendência do verdadeiro Deus a Quem céus e terra não podem abarcar (1 Re 8, 27). O Leccionário propõe alguns momentos significativos da luta que na história da Revelação se desenvolve contra todas as degenerações que se concretizavam em concepções redutivas, materializadas e localmente circunscritas da presença de Deus, comportando uma sacralidade de tipo local: a presença de Deus ao Povo é transcendente, histórica e pessoal; não depende de um lugar mas sim de um encontro-aliança que, ainda que aconteça em determinadas *coordenadas do espaço* (Sinai, Deserto, Terra prometida, Jeru-

salém-Sião...) e se «sacramentalize» num lugar (a «arca da Aliança...») se configura e exprime sobretudo nas *coordenadas do tempo* numa História de Salvação. A sacralidade no AT não é, pois, uma categoria espacial — comportando panteísmo ou dualismo e negando a transcendência de Deus — mas pessoal e histórica. Consequentemente, as igrejas da Igreja não poderão ser menos (pretendendo ser mais) do que o Templo de Salomão; não podem ignorar ou abstrair de toda a história da Revelação. A «sacralidade» local, materializada, pagã, é de excluir absolutamente.

2. O edifício-igreja tampouco pode pretender ser o equivalente neotestamentário ao Templo do AT. O verdadeiro Templo do NT não é (não são) o(s) edifício(s) da(s) Assembleia(s) cristã(s), mas Cristo pela sua Incarnação (Jo 1, 14) e na sua corporeidade (Jo 2, 21) e, em dependência-comunhão d'Ele e com Ele (como membros do Seu Corpo; como pedras vivas edificadas sobre a Pedra angular...), o novo Povo de Deus, a Igreja²⁶. A conclusão é que, directa e indirectamente, já no Leccionário deste Comum se exclui a concepção do edifício-igreja como «templo»: Os cristãos não têm templo; são Templo:

«Quando as nossas igrejas (*de pedra*) forem concebidas e pensadas como *lugares nos quais habita Deus...*, teremos renovado o «sinal do Templo», ou seja, teremos *destruído o NT*. As nossas igrejas poderão ser chamadas outros tantos «sinais do Templo» só quando na realidade puderem anunciar ao mundo que as *reuniões* que entre os seus muros têm lugar *são o Templo de Deus*, são o vivo *Corpo de Cristo*, são o exercício de um *Sacerdócio santo*, num *culto espiritual*»²⁷.

3. Ficará então o edifício-igreja reduzido à mera funcionalidade de «casa da Igreja», espaço indiferente e neutro onde esta se reúne para celebrar o Mistério de Cristo? O texto acabado de citar já insinua que não: «as nossas igrejas poderão ser chamadas outros tantos 'sinais do Templo'». Mas esta não será uma mera designação extrínseca: recusando-se a restaurar o opaco «sinal do Templo» do AT, sombra que deve desaparecer perante a realidade plena do NT,

²⁴ Cf., sobretudo, S. MARSILI, *La liturgia*, 35-44 e 107-136.

²⁵ Cf. S. MARSILI, *Tempio nella storia*, 39-49.

²⁶ Cf. S. MARSILI, *Dal tempio locale*, 62-63.

²⁷ S. MARSILI, *ibid.*, 63.

os edifícios-igreja podem agora chamar-se e ser, de facto, «sinais» da realidade nova do Templo que é a Igreja em Jesus Cristo. Note-se que, antropologicamente, não é concebível (mesmo na era das cavernas...) uma casa reduzida à mera funcionalidade de abrigo; para o homem, «ser-no-mundo», o «habitar» não é algo de accidental e extrínseco, mas algo de necessário-existencial: é assim que realiza-explicita o seu ser simbólico de espírito incarnado, não se contentando jamais com a mera satisfação de necessidades biológicas. É, pois, de esperar que a Igreja — que é constituída por homens — dê também às suas «casas» não só uma função mas também uma significação simbólica. É o que na Eucologia se verificará.

O CANTO NA EUCARISTIA DO ANIVERSÁRIO DA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA

No Comum da Dedicção da *editio typica altera* do Missal Romano de Paulo VI — excluída a Missa Ritual que pertence a outra secção e não entra nesta análise — são propostas 2 antifonas para o Canto de Entrada e outras tantas para o canto da Comunhão²⁸. Atendendo, porém, às amplísimas possibilidades de escolha e de variação que os novos livros litúrgicos consagram neste capítulo²⁹, tais antifonas tem um valor meramente indicativo. Não são, contudo, de desprezar em ordem a uma, tanto quanto possível, correcta e completa interpretação dos respectivos formulários. Constituem um complemento, sem dúvida eficaz (graças à força do canto) da teologia bíblica deste Comum.

Se compararmos estas 4 antifonas com as propostas no Missal Romano de S. Pio V verificamos imediatamente que são todas novas: a antífona «*Terribilis est locus iste*» (Gn 28, 17) ainda presente na 1.^a ed. do MR de Paulo VI desapareceu tanto da *ed. typica altera* de 1975 como do ODEA de 1977³⁰; a antiga antífona de comunhão, resultante da conglomeração de Mt 21, 13 e Lc 11, 10, passou do Comum para as Missas Rituais³¹. Ainda que o NT veja em Cristo

²⁸ São elas: *Ant. de Introito*: Sl 67,36 e Ap 21, 2; *Ant. de comunhão*: 1 Cor 3, 16s e 1 Pe 2, 5 (cf. MR 1975, 665.666.667.668).

²⁹ Cf. *Institutio generalis Missalis Romani*, 26 e 56 i), in MR 1975, 33 e 42.

³⁰ «*Sobrevivia*» ainda na 1.^a ed. típica do MR 1970, 665.

³¹ Cf. MR 1975, 778; ODEA II 28, p. 55.

o cumprimento do sonho de Jacob de Gn 28, 11-17 ao compreender que a presença de Deus se realiza em Cristo e por Ele se restabelece a comunhão e o encontro — o «comércio» — entre o céu e a terra³², contudo o canto da antífona «*Terribilis...*», no contexto ritual da dedicação ou da sua memória, sugeria uma sacralidade demasiadamente de tipo natural. Daí que seja significativa a sua exclusão.

As novas propostas têm um carácter marcadamente eclesiológico: a assembleia litúrgica canta a visão do que já é, mas ainda se não manifestou; e na comunhão sacramental, maximamente cresce e se edifica como vivo e santo Templo do Deus vivo e Santo³³. A atenção à igreja como edifício material permanece aqui ao nível subliminar sendo a ideia da Igreja como assembleia e comunidade eclesial — Templo, Casa, habitação, construção de pedras vivas, Sacerdócio novo, nova Jerusalém — a preencher todo o horizonte. A antífona de intróito «*in ipsa ecclesia dedicata*», cantando o último versículo do Sl 67(68), é a única presença da teologia «templar» veterotestamentária, mas já purificada pelo sublinhar da transcendência de Deus e da universalidade do seu poder cósmico e histórico, e integrada na mais ampla teologia da Aliança: «*Deus Israel ipse tribuet virtutem et fortitudinem plebi suae; benedictus Deus*».

JOÃO DA SILVA PEIXOTO

³² Cf. Jo 1, 51.

³³ Cf. Ap 21, 2 — *Ant. de Introito* (MR 1975, 667) — e 1 Cor 3, 16s e 1Pe 2, 5 — *Ants. de Comunhão* (*Ibid.*, 666 e 668) —.